



que uma

Trabalharam juntas neste “girl-meets-girl” que vamos ver para sempre. *Inês Nadais*



“É bom não termos trabalhado juntas quando éramos novas. Temos menos medo de falar, estamos menos angustiadas, somos mais livres”

passou a vida a fazer dezenas e dezenas de solos, Mathilde Monnier passou a vida a fazer trabalhos com grandes equipas e grandes instituições. “Quando trabalho como intérprete, não consigo continuar a ser coreógrafa. Fico à toa, sem ideia do sentido que as coisas estão a fazer para quem está de fora, e para mim isso é duríssimo: enervo-me, fico doente. Mas confiei cegamente na Maria e aprendi que se pode ir muito longe. Aprendi a confiar em mim e a confiar nas pequenas coisas, nos pequenos objectos, nas pequenas peças”, resume a coreógrafa francesa. Todo o trabalho de criação é duro, concorda La Ribot, e este também foi duro mas com a Mathilde: “Foi uma alegria enorme ter uma companheira como esta. Ela diz sempre que a colaboração nunca é uma perda, nunca é um fracasso, e é verdade. Ainda não sei o que aprendi mas sei que aprendi muito: acho que a Mathilde me lembrou como é que se dança. Não sei se sozinha chegava lá.”

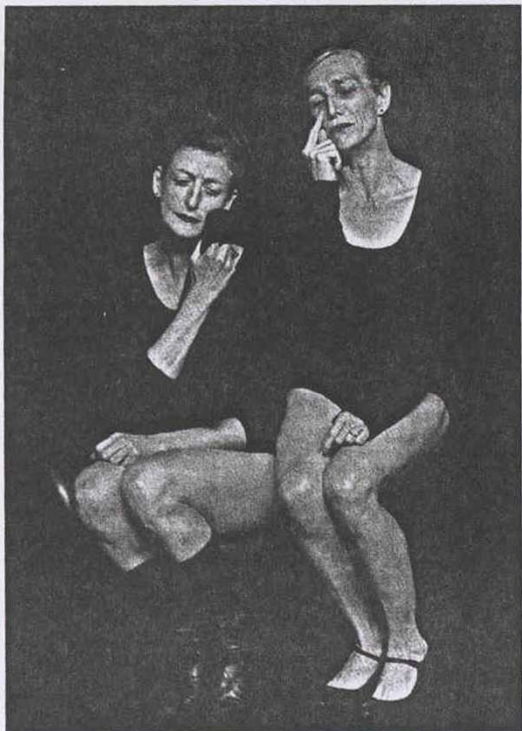
Agora que são um corpo com duas cabeças (depois de terem passado semanas a impressionarem-se uma à outra, a montarem pequenos espectáculos sucessivos e “versões de versões de versões de versões” do que tinham acabado de fazer: “Gustavia” foi construída assim, em cima das ruínas de um processo criativo diabólico) Mathilde Monnier e La Ribot parecem felizes por não terem sido felizes para sempre antes: “É bom não termos trabalhado juntas quando éramos novas. Temos menos medo de falar, estamos menos angustiadas, somos mais livres.” Cada uma pensa pela sua cabeça e isso é bom: duas cabeças dançam melhor do que uma.

“Descobrimos que o que está exposto no burlesco é o que é suposto estar escondido na dança.” Mas também no burlesco há todo um trabalho em cima do corpo: “O burlesco pressupõe um corpo que possa fazer competentemente a incompetência, que possa fazer a queda sem dor. Precisei de recuperar o meu corpo para poder fazer este espectáculo. Nos últimos anos tra-

balhei com o corpo das outras pessoas, não com o meu”, continua.

Nisso sim, Mathilde Monnier fez um exercício de revisão: “As técnicas do burlesco são as técnicas da dança contemporânea: a repetição, a queda, o fracasso. Foi como se estivéssemos a pisar terreno conhecido.”

Trabalharem uma com a outra foi exactamente o contrário: La Ribot



Estas duas cabeças dançam melhor do

Mathilde Monnier e La Ribot puseram isto na agenda: temos de trabalhar juntas. amanhã, em Vila do Conde, e a seguir foram felizes

Dança

Mathilde Monnier (Mulhouse, 1959) e La Ribot (Madrid, 1962) conhecem-se há tanto tempo que temos de esperar que uma delas acabe de regressar de uma aventureira expedição aos "backups" do e-mail, em França (esta conversa telefónica teve duas cabeças: uma em Montpellier e outra em Genebra), para percebermos o que a outra, na Suíça, quer dizer com "muitos anos, uma vida inteira": "Vejo aqui e-mails de 1992, talvez haja alguns mais antigos ainda. Pelos vistos conhecemo-nos desde sempre."

Não sabíamos que já havia e-mail em 1992. Também não sabíamos que há 16 anos elas já eram um corpo com duas cabeças, como agora são um corpo com duas cabeças em "Gustavia", o "girl-meets-girl" que vamos ver amanhã, em Vila do Conde, no encerramento do Circular - Festival de Artes Performativas.

Isto que foi uma festa para elas (o tipo de festa que acaba com alguém, em voz off, a dizer que foram felizes para sempre) também vai ser uma festa para nós: duas das mais singulares coreógrafas europeias viveram grandes coisas juntas, e hoje vão viver essas coisas à nossa frente. É um acontecimento em qualquer parte do mundo.

Há "muitos anos, uma vida inteira" que elas queriam trabalhar juntas. "Acho que a conheci quando estive em Espanha, talvez em 1989 ou 1990. Ela ainda nem sequer trabalhava sozinha, foi mesmo há muito tempo. Comprei-lhe uma das 'Piezas Distinguidas' [série de 34 peças que La Ribot iniciou em 1993] e fui acompanhando o trabalho dela", explica Mathilde Monnier. "Fomos acompanhando o trabalho uma da outra. Em 1999 eu passei pelo Montpellier Danse [Mathilde já era, e

ainda é, directora do Centre Chorégraphique National de Montpellier] e ficámos de continuar a rever-nos. Em 2006 decidimos que tínhamos mesmo que fazer uma coisa juntas, mas foi muito difícil começar. Uma dia a Mathilde ligou-me a dizer que se não puséssemos isso na agenda nunca mais se fazia, e então fizemos", diz La Ribot. Agora, que está feito, perceberam finalmente o que queriam uma da outra, continua a coreógrafa madrilena: "Ela é uma personagem fundamental da dança contemporânea - construiu uma obra brilhante que fala muito comigo. Essa obra é completamente a cabeça dela. É uma mulher que fala e que pensa a uma velocidade invulgar e isso vê-se no trabalho que faz. Acho que eu estava a precisar de ter alguém com quem dançar - e ao mesmo tempo alguém com quem voltar a questionar toda a tralha da dança contemporânea. E ela estava a precisar de um bocaco de burlesco na vida dela - sim, acho que o que ela viu em mim foi o humor."

Também foi ("Não há muitas mulheres com graça na dança contemporânea, e ela tem tanta graça"), mas viu outras coisas. "Gosto muito da maneira como a La Ribot está em palco - a força, a elegância, o humor. E a pertinência dos objectos que foi construindo, peças pequenas que se relacionam directamente com o público, que têm efectivamente impacto nas pessoas. As peças dela não são tagarelice: são muito incisivas, e também muito eficazes a distribuir uma mensagem. Em muito pouco tempo ela diz coisas muito importantes", sublinha Mathilde Monnier.

Ligeireza

Estamos ao telefone com França e voltamos a ouvir a palavra que já tínhamos

ouvido um dia antes, ao telefone com a Suíça: ligeireza. É disso que elas falam quando falam uma da outra: "A Maria [La Ribot] tem uma ligeireza que é rara. Não é uma palavra frequente na dança contemporânea: os coreógrafos e os bailarinos são muito complexados, sentem-se constantemente obrigados a mostrar que somos todos muito inteligentes, e isso aborrece-me. É normal que tenhamos esses complexos, fomos sempre tomados por imbecis, para não falarmos muito em palco. Mas agrade-me trabalhar com uma pessoa que não corresponde a esse estereótipo." Vamos ouvir a outra parte: "O que verdadeiramente me entusiasma na Mathilde é o facto de ela ser uma pessoa que pratica a ligeireza. Gosto muito de pessoas que praticam a ligeireza - eu também o faço. Reconhecemo-nos nas coisas rápidas e ligeiras."

Reconhecem-se ao ponto de terem ficado da família: Mathilde diz que La Ribot é uma "irmã de palco" (como se ao olhar uma para a outra se vissem ao espelho e a imagem aparecesse ligeiramente deformada, ou mesmo abertamente invertida), La Ribot diz que elas não têm que se esforçar muito para parecerem gémeas ("o mesmo corpo alongado, a mesma altura, as mesmas pernas compridas, os mesmos cabelos claros"). Não lhes interessou muito ir por aí: "Gustavia", a mulher que criaram para este espectáculo, não é um exercício sobre a figura do duplo. É tudo o que Mathilde Monnier sempre quis ser e nunca teve coragem de experimentar ("Tudo o que não sou na vida, porque na vida não sou capaz. Essas mulheres excêntricas, como a Maria. Eu não sou como ela"). É "um 'clown' sexual, ou uma amazona, ou a marquesa do Lago Léman [o lago com que

La Ribot se cruza todos os dias, em Genebra]. Não é bem uma personagem". Pois não: são duas. Mathilde e Maria, num filme burlesco (esse que teremos sempre na cabeça).

O corpo do burlesco

Provavelmente por terem passado a vida a encontrarem-se nos bastidores, Mathilde Monnier e La Ribot quiseram ter uma aventura no teatro. "Tínhamos de começar por algum lado e foi por aí: duas mulheres num palco, frente a frente, num verdadeiro diálogo. Não foi difícil chegar à conclusão que essa história do diálogo é a história do teatro, do circo e do 'clown': a história do Bucha e do Estica, sobretudo esses dois. Foi assim que chegámos ao burlesco, que para mim não era um território tão longínquo das minhas 'Piezas Distinguidas' e que para ela não era um território tão longínquo dos trabalhos que fez com o Philippe Katerine." Também não é tão longínquo de uma memória colectiva construída pelo cinema desde a primeira hora: "Uma pessoa entra numa sala com uma tábua ao ombro e isso reenvia-nos logo para tantos sítios: os palhaços do circo, o Teatro da Morte do Tadeusz Kantor, todo o cinema do Chaplin e do Buster Keaton. Ver esses filmes foi uma maneira de nos pormos de acordo, de dizermos 'gostamos da mesma coisa' ou então 'tu gostas disso mas eu detesto'. Para mim foi um exercício de revisão - 'A Festa', do Peter Sellers, o 'Ser ou Não Ser', do Lubitsch, a Lucille Ball... Esses são os meus filmes. Para a Mathilde, que não está tanto neste registo, foi um exercício de descoberta", diz La Ribot.

O que elas trouxeram do burlesco nunca podiam ter trazido da dança:

